

DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO EM HQS: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Angelina Michele Vasconcelos¹

Resumo: A importância da leitura em HQs revela-se como possibilidade de visão crítica das identidades LGBTQi+. Nesse ínterim, apresentam um veio dramático em que as identidades sexuais abalam paradigmas e que passam a ser questionadas na representação da obra. O estudo direciona para esse corte discursivo movido para heróis gays e como os deslocamentos aí relacionados às subjetividades ganham significativos de cortes e de recortes binários e não binários para os gêneros de sujeitos em ação. Tem por interesse analisar os discursos relacionados ao corpo e a sexualidade do herói gay. Se tramas em HQs produzem os heroicos homens machos, a introdução de novos capítulos de histórias toma conta de produções desses periódicos. Ademais, leva em consideração o papel do herói, revelando homens cisgêneros, heterossexuais, masculinidades por perfis identitários via as imagens e linguagens que incorporam. Dessa maneira, o texto com o qual busco compreensões aí filtradas pelas HQs se constitui por um foco político e discursivo importantes para descolonizar posturas e posições centralizadoras, e vem dando aberturas para conhecimentos mais diversos, de modo a ver e a perceber o acionamento do espaço social e do saber se expressando com as questões sobre as identidades de gênero e de sexualidades.

Palavras-Chave: HQs. Dissidências de Gêneros e sexualidades. Subjetividades.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural sob orientação do Prof. Dr. Paulo César García. Departamento de Linguística, Literatura e Artes | Campus II da Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: mi_vsb@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A abordagem deste artigo parte da análise de histórias em quadrinhos, nas quais os personagens gays se fazem presentes. Se tramas nessas histórias produzem os heroicos homens machos. Ademais, leva em consideração o papel do herói, revelando homens cisgêneros, heterossexuais, masculinidades por perfis identitários via as imagens e linguagens que incorporam. Tais histórias desconstroem um modelo patriarcal de criação? Há ascensão LGBTQi+ através da produção cultural e do desenvolvimento da genealidade gay para engajar uma política de resistência e propiciar subjetividades e identidades numa sociedade de supremacia heterossexual? Tal estudo busca suspender o véu da invisibilidade, a fim de desconstruir conceitos e categorias que os relatos permitem construir. A fonte estabelecida para o estudo, destina-se para a coleta de HQs, a qual está no plano de análise, cujas narrativas são significativas diante do modo como configuram outras formas de experiências de vida que LGBTQi+ enaltecem e rompem com a heteronormatividade compulsória e o binarismo.

Qual problema instiga o estudo que busco investigar? Há desde a década de 50, uma higienização dos personagens das HQs, associado ao mito da masculinidade, a qual ratifica o machismo, bem como à heterossexualidade. Nesse contexto, segundo Barros (2019), as histórias em quadrinhos fazem parte da indústria cultural e, por isso, veiculam ideologias que reiteram estereótipos. Assim, analisar a importância destas histórias, situando a performance de personagens homoeróticos como forma de visualizar a identidade heroica e erotizada, exercendo o poder de fala fora dos padrões heteronormativos.

Tal estudo demanda a compreensão de como a heterossexualidade tóxica e heterossexista podem ser lidas sem a conformidade do sistema cultural binário, o que atinge o significado de herói por outro parâmetro da existência, assim como a representação dos personagens homo-orientados. Tais entrosamentos serão possíveis através de revisão bibliográfica, análise de artigos e de HQs, periódicos para visibilizar uma

noção de quais valores sociais e culturais influenciam nas representações. De sorte que tal análise, desdobrará referenciais demarcados e compreensões críticas a respeito de temas LGBTQi+ dentro do universo das histórias criadas.

Enfim, trata-se de um estudo que visa entender como as HQS são perpetuadores ou renovadores de valores morais, principalmente no que tange a uma minoria estigmatizada, que pode, nesses discursos, encontrar elementos de aceitação ou perpetuação das violências sofridas. Segundo o personagem, Estrela Polar, “ser diferente é como dar pedras para os outros atirarem em você”. Contudo, por que continuar perpetuando tal maneira heteronormativa e binária na sociedade atual?

I. HQS E DISSIDENTES: AGENTES DA DESNORMATIZAÇÃO

As histórias em quadrinhos, indubitavelmente, são possibilidades de naturalização de valores, modelos e paradigmas que são decalcados na memória coletiva sob a forma de representações, que são absorvidas como normas e verdades por meio do senso comum, ou seja, de acordo com Oliveira (2007, p. 23), “as histórias em quadrinhos convertem-se em possibilidades de naturalização de valores, modelos e paradigmas que são decalcados na memória coletiva sob a forma de representações, que são absorvidas como normas e verdades”. De maneira idêntica, o silenciamento do corpo é feito por meio de instrumentos, os quais tendem a silenciar, dentre outras coisas, a sexualidade. Contudo, Foucault (1994) pensa gênero a partir de uma crítica a outras concepções inclusive a do sexo x gênero, visto que “sexo” está associado a uma história ou se é uma estrutura dada, isenta de questionamento em vista de sua indiscutível materialidade — teoria social associada ao gênero, enquanto sexo pertenceria ao corpo e à natureza, já que o corpo aprende a agir, a partir da relação com o outro. Todavia, este enquadramento não deveria existir, posto que o corpo é uma superfície fora da cultura, sobre o qual se imprime novos significados, mas nunca os ressignifica.

Outrossim, cabe as produções, desconstruir um modelo patriarcal de criação e não cair no clichê dos riscos das que rompem e se emancipam, uma vez que ao se fazer gênero, aprende-se normas de conduta a partir daquilo que é dito como comportamento para o sujeito. Em síntese, a literatura LGBTQi+ rompe com a cultura da vergonha; com a patologia, desordem mental, já que antes eram tratados como aberrantes — uma desumanização pela opressão e exploração através da dissimulação — uma prática de lançar mão de qualquer aparência necessária para manipular uma situação.

II. DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO: UMA BREVE ANÁLISE CONCEITUAL

Nos séculos XIX e XX, segundo Inácio (2004), dissidentes sexuais e de gênero contestaram o “modelo de masculinidade” — valores sociais estéticos portugueses e europeus, tendo como fruto da contestação, um sujeito homoeroticamente manifesto. Nessa perspectiva, dissidente não é considerado humano, devido a heteronormatividade compulsória, estando assim em risco, pois humanidade do corpo está relacionada a identidade de gênero. Assim, para Foucault (1988), “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”. Consequentemente, as identidades sexuais passaram a ser questionadas, por não abarcar todas as complexidades e pluralidades da sexualidade, de tal forma surge a necessidade de transformação da visão niilista. Assim, nasce um sujeito dono de si, aquele que é capaz de dominar seus prazeres, de fazer um bom uso deles, capaz de relacionar-se consigo e com os outros de maneira própria, haja vista a consciência de si precisa da representação social — a cena do reconhecimento — o exercício de olhar para o corpo e tornar-se sujeito.

Inegavelmente, dissidentes são pessoas que rejeitam as normas patriarcais estabelecidas, os quais saem das cadeias de repetição. Por outro lado, a noção de patriarcado, defendida por Butler (2004), naturaliza o desejo heterossexual, visto que tem um modelo fora do

mundo social, e não reconhece outras formas de identidade de gênero e orientação sexual. Para tanto, como resultado há o cerceamento da humanidade, à medida que a partir do corpo, do não conhecimento e do não reconhecimento, encontram-se em situação de vulnerabilidade social, por exemplo, se o indivíduo não existe, logo não há crime.

Dessa maneira, os corpos dissidentes revelam-se como possibilidade de visão crítica das identidades LGBTQi+, sob o mesmo ponto de vista Díaz-Benítez e Figari (2009) que acreditam nas experiências no campo do sexo-gênero, haja vista operam nas fronteiras do erótico e erógeno normativo: construindo, inventando, propiciando diversas apresentações de si. Demais, segundo Louro (2004), dissidentes são sujeitos que se recusam a fixidez das limitações e assumem identidades, administrando e extraíndo prazer do processo de ruptura e não só no resultado, ou seja, significa deslocamento, uma possibilidade de dever ser, as quais são construídas sobre a transgressão, sendo este produto e produtor do sistema social.

III. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: O QUE SÃO?

O gênero textual HQs, segundo Bakhtin (2003), é classificado como um tipo de texto narrativo, pois predomina na composição do discurso das sequências narrativas, mesmo que interrompidas, algumas vezes, pelas sequências descritivas. Inquestionavelmente, as manifestações discursivas relacionam-se a um tipo de atividade humana, marcadas por um sistema de valores que se entrecruzam, discordam, concordam, questionam, respondem, complementam, concorrem entre si.

É perceptível que as histórias em quadrinhos fazem parte da construção do imaginário coletivo, no momento em que emergem discursos, conduzem e validam comportamentos norteadores das relações, à proporção que são gerados e desenvolvidos pela indústria cultural, a partir do advento e da massificação da imprensa. Segundo Oliveira (2007, p. 13-14), “a história em quadrinhos, principalmente a norte-americana, é, [...] pautada pelas normas que regulam o consumo de

massa — [...] e, principalmente, pelos valores burgueses que custeiam a indústria cultural”. Não apenas devem ser vistas como um objeto cultural apenas para fins de entretenimento, mas é preciso perceber “os discursos de verdade” que se fazem presentes, levando em consideração os elementos, que compõem suas narrativas, dentre eles, os debates sociais, culturais e políticos em que a produção está inserida, eventualmente, reproduzindo padrões binários e heteronormativos.

Destarte, segundo Barros (2019), ao fazer parte da indústria cultural, veiculam ideologias que reiteram estereótipos, visto que são regras de consumo de massa, traduzidas nos valores do senso comum. Assim como, para Oliveira (2007, p. 25), “o sistema da indústria cultural reorienta as massas, não permite quase a evasão e impõe sem cessar os esquemas de comportamento”. Todavia, consoante a Moscovici (2003), as representações criadas por um indivíduo, conseqüentemente, adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidades ao nascimento de novas oportunidades ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Em suma, as HQs revelam-se como possibilidade de visão crítica das identidades LGBTQi+, pois apresentam um veio dramático em que as identidades sexuais abalam paradigmas e que passam a ser questionadas na representação da obra.

IV. REPRESENTAÇÕES LGBTQI+: RESSIGNIFICAÇÃO A PARTIR DAS HQS

Os padrões heteronormativos e binários geram padronização, normatização, cujos frutos não são sujeitos, mas indivíduos que compõem a “máquina abstrata”. Este mecanismo, segundo Deleuze (1976), reproduz o pensamento — um discurso que está na materialidade, dentro dos padrões, o qual constrói “sistemas arborescentes”, a partir do momento que são compostos por centros de significância e de subjetivação: ora reproduzem e impulsionam o senso comum, ora se disfarçam de originais para gerar a norma. Conforme Esteves (2009, p. 302), “a norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer

disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar: norma da disciplina e a norma da regulamentação.”

É notório que as HQs se constituem por um foco político e discursivo para descolonizar posturas e posições centralizadoras, principalmente, as de super-herói passaram a constituir uma espécie de mitologia moderna, devido aos discursos relacionados ao corpo e a sexualidade. Logo, de acordo Knowles (2008), utiliza-se da ficção, como forma de perpetuação da heterossexualidade compulsória e do binarismo, sobretudo, no que tange sexualidade, como uma forma de docilização, entretanto, uma vez criadas, adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto as velhas representações morrem. Contudo, o discurso movido para heróis gays faz com que tenham visibilidade. Diante disso, para Foster (1996, p. 177), “o ilusionismo é usado não para encobrir o real como uma superfície de simulacro, mas para descobri-lo em coisas misteriosas, que são frequentemente também incluídas em performances”. Sendo assim, a arte não é apenas a representação, mas ela corporaliza aquilo que representa.

Conquanto, na década de 50, o órgão que regulava às editoras norte-americanas, instituiu uma censura, a fim de invisibilizar os personagens gays, devido ao caráter ‘anormal’ associado a eles. Desse modo, os personagens homoeróticos foram invisibilizados, já que se reconhece o modo visível, a partir do invisível, do insensível, aliás, assume uma lógica, a partir do símbolo adotado, porém confunde o real com o imaginário no jogo entre as posições. Nesse hiato, conforme Moscovici (2003, p. 41), “representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente”, mas sim fazem parte da construção do imaginário coletivo, com o intuito de influenciar nas representações.

Na década de 80, o editor-chefe, Jim Shooter, proibiu a presença dos personagens gays nas HQs, já que influenciavam à naturalização do desejo homossexual e não binário. Após uma década, na edição Alpha

Flight, em 1992, o personagem “Estrela Polar”, Jean-Paul Beaubier, assumiu-se gay, mas, após a declaração, a obra foi censurada, por contestar os padrões heteronormativos utilizados como instrumentos de uma formação sexual, uma vez que a representação da homossexualidade, nesse contexto, era de invisibilidade do sujeito homossexual, para que dessa maneira os indivíduos não tivessem consciência do próprio corpo, não ganhassem notoriedade e não se tornassem protagonistas sociais. Todavia para se desvincular do caráter homofóbico, o editor optou por transformá-lo em anti-herói, acusando-o de assassinato, portanto, uma figura marginal.

A obra “Vingadores: A cruzada das crianças”, 2012, sofreu censura, mas diferentemente da “Alpha Flight”, esta não foi pelos editores, e sim do governador do Rio de Janeiro, devida a representação de um beijo entre os personagens Wiccano e Hulkling, de modo que é perceptível as dificuldades enfrentadas por pessoas fora do padrão binário e heterossexual, posto que, na obra, são taxados de “aberrações”. Segundo Butler (2018, p. 6), “distinção de gênero faz parte da ‘humanização’ dos indivíduos dentro da cultura contemporânea; assim, quem não efetua a sua distinção de gênero de modo adequado é regularmente punido.” Similarmente, a imagem ora é criada pela ficção, ora é um decalque dela — um agente normatizador.

Sabe-se que a figura do herói representa o poder masculino decalcado: ativo, viril, heterossexual, valente, guerreiro; enquanto que o homo-orientado é a traição da condição masculina — uma figura marginal, imperfeita. Bem como o personagem “Loki” — bissexual e transgênero — um indivíduo fluído, o qual visibiliza que o gênero está na cabeça e não no corpo. De maneira idêntica, Butler (2004) fomenta que gênero não é uma propriedade dos indivíduos, por exemplo, não é algo que vem de dentro, mas de fora para dentro, assim atribui sentido a partir do corpo. Portanto, as ações repetidas incessantemente, constituem a identidade como se fosse algo natural, por conseguinte, sexo e sujeito são produtos de formação discursivas — uma maneira de exercer o poder.

Ao longo dos anos, a luta pela liberação sexual favoreceu a despatologização e descriminalização da homossexualidade devido a um apelo identitário para exercitar uma sexualidade diferente, quando o sujeito passou a ligar-se a ideia de verdade de si mesmo. Ademais, se reconheceu, não estava mais submisso à heteronormatividade compulsória e padrões binários. Sendo assim, os efeitos do poder passam a circular por mecanismo, pois o corpo passa a ser objeto da visibilidade a ser moldado por várias funções, práticas ou relações de poder que são constitutivas do corpo social, propiciando o agenciamento dos indivíduos e dos corpos, por isso a importância da HQ, embora seja considerada como uma literatura menor e não canônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cânone literário é o conjunto de obras, um sistema de totalidade, instrumento de repressão e discriminação ao serviço de interesses dominantes, cujos valores binários e eurocêntricos. Nessa máxima, segundo Santos (2002, p. 247), “tudo o que o cânone não legitima ou reconhece, é declarado inexistente. A inexistência assume aqui a forma de ignorância ou incultura.” Por isso, as HQs, enquanto literatura de massa, favorecem o jogo das diferenças através do discurso falado ou escrito.

As histórias em quadrinhos surgem, nesta perspectiva, como a possibilidade de suspensão do véu da invisibilidade. Segundo Eagleton (2006, p. 41), “a literatura torna-se uma ideologia totalmente alternativa, e a própria “imaginação” — torna-se uma fuga política”, a fim de transformar a sociedade em nome das energias e valores representados pela arte.

Destarte, a linguagem utilizada nas HQs propicia uma ressignificação social, à medida que novos paradigmas são criados e posturas descolonizadas, mas também HQs servem para descolonizar posturas e posições centralizadas, posto que, a visibilidade dos homossexuais nas obras, faz com que os corpos moldados pela

heterossexualidade compulsória e padrões binários diminuem. Nesse contexto, há ascensão LGBTQi+ através da produção cultural e do desenvolvimento da genealidade gay, por meio de uma política de resistência, a qual cria subjetividade e identidade numa sociedade de supremacia hetero.

Portanto, indivíduos homo-orientados ganham notoriedade e tornam-se protagonista sociais. Análogo a Borba (2014, p. 451), “a linguagem é sem dúvida elemento fundamental, porque as ações não linguísticas que postulam o sujeito, quando descritas, são ao mesmo tempo repetidas nos atos de fala que as descrevem”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, out. 2002. p. 237-280. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

BUTLER, J. *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Caderno de leituras, n. 78. Edições Chão da Feira, jun.2018.

CHAMBERS, JK. *Sociolinguistic Theory*. 2. ed., Polity (impressão da Blackwell Publishers) Language in Society series. 2003.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio – Sociedade Cultural, 1976.

DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. V.1. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1995. p. 10.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). Introdução – Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

EAGLETON, Terry. A ascensão do inglês. In: *Teoria da literatura*. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo, 2006.

ESTEVES, Anderson Alves. Biopolítica segundo Foucault e Agamben. *Academos – Revista Eletrônica da FIA*, 2009.

FOSTER, Hal. O retorno do real. In: *The Return of The Real*. Londres: MIT Press, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e I. A. Guilhan Albuquerque. Rio de Janeiro. 13. ed. Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. R. Ramalhete. Petrópolis: Vozes. 1994.

GINZBURG, Carlo. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

INÁCIO, Emerson da Cruz. *Outros Barões assinalados: a emergência do discurso gay na produção literária portuguesa contemporânea*. VIII Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 16-18 set, p. 1-17, 2004.

KNOWLES, C. Nossos deuses são super-heróis. São Paulo: Cultrix, 2008.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 592p.

LACAN, J. A direção do tratamento e princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 592p.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, R. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: *Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito*. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-58.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais – investigações em psicologia social*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, S.R. N. *Mulher ao quadrado – as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias*. Brasília: Editora Unb, 2007.

RANCIÈRE, J. The method of equality: An answer to some questions. *In: History, politics, aesthetics*. Durham and London, Duke University Press, p. 273 – 288.

SILVA, Vitor Aguiar e. *Variações sobre o cânone literário, Ave Azul*. Revista de arte e crítica de Viseu. Verão, 2005, p. 9-12.

O casamento de estrela polar: a evolução da representação social lgbt no imaginário ficcional das HQs de super-heróis. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigo_080620150826142.pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.